

GUERRA

Conselho de Segurança da ONU vota amanhã proposta de cessar-fogo em Gaza, enquanto Parlamento israelense rejeita sugestões internacionais de divisão do Estado com palestinos em meio a reações críticas

Sem sinal de trégua

» ISABELLA ALMEIDA

Photo by AFP



Palestinos retiram dos escombros sobreviventes de ataques aéreos registrados ontem na região de Deir al-Balah, no centro da Faixa de Gaza

No momento em que o Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) se prepara para uma reunião, amanhã, para votar o cessar-fogo na faixa de Gaza, o gabinete israelense rejeita qualquer proposta que sugira a criação de um Estado Palestino e a divisão do território de Israel. Enquanto isso, a guerra segue sem muitas perspectivas de trégua, após os Estados Unidos ameaçar impedir uma nova resolução da ONU sobre o cessar-fogo. Benjamin Netanyahu também pretende realizar uma incursão em Rafah.

O Conselho de Segurança da ONU transferiu para amanhã a votação de uma resolução pedindo a suspensão dos ataques em Gaza. A ideia é viabilizar ajuda a inúmeros civis. Os membros do conselho intensificaram as negociações para tentar evitar outro veto dos Estados Unidos.

Segundo o jornal *The Times of Israel*, o encontro estava marcado para esta segunda-feira à tarde, mas foi desmarcado porque as negociações estavam sendo realizadas para fazer com que os Estados Unidos, o aliado de Israel, se abstivessem ou votassem a favor da resolução do cessar-fogo.

A proposta era para o "cessação urgente e sustentável das hostilidades" para o acesso humanitário. No entanto, o texto deve ser alterado para uma forma mais branda para agradar os norte-americanos, disseram os diplomatas, de forma anônima, ao jornal. Ontem houve mais bombardeios sobre Gaza.

Os Estados Unidos já vetaram uma resolução do Conselho de Segurança, em 8 de dezembro, aceita por quase todos os membros e outros países que exigiam um cessar-fogo humanitário imediato em Gaza. A Assembleia Geral de 193 membros aprovou por maioria um texto parecido em 12 de dezembro por uma votação de 153 a 10, com 23 abstenções.

Sem saída

O maior hospital que ainda resta no sul de Gaza "quase não funciona", alertou anteontem a Organização Mundial da Saúde (OMS) da ONU. Há depoimentos sobre danos na unidade ortopédica do Hospital Nasser, o que minimizou sua capacidade de oferecer cuidados urgentes, afirmou o porta-voz da OMS, Tarik



Tal reconhecimento na sequência do massacre de 7 de outubro seria uma recompensa enorme e sem precedentes ao terrorismo e frustraria qualquer futuro acordo de paz"

ministro Gideon Sa'ar, do Gabinete de Emergência

Jaarevi, em uma conferência de imprensa em Genebra. "Mais degradação do hospital significa mais vidas perdidas", frisou.

Segundo a agência da ONU, dos 36 hospitais localizados no meio da guerra, somente 11 estão funcionando. Há também relatos sobre a morte de diversos pacientes durante os ataques. Os militares israelenses afirmam que o Hamas mantém reféns ou retinha corpos no complexo de Nasser.

Os esforços para pôr fim aos combates coincidem com a determinação de Benjamin Netanyahu de realizar uma incursão em Rafah. Cerca de 1,4 milhão de palestinos estão aglomerados nesse lugar na fronteira com o Egito, a maioria deslocados de outras regiões bombardeadas por Israel.

Pelo menos 10 pessoas morreram na madrugada de ontem

durante ataques contra a cidade, o último núcleo urbano onde as tropas israelenses ainda não entraram, e contra Deir al Balah, no centro de Gaza, afirmou a agência oficial *Palestina Wafa*.

Rejeição

Segundo *The Times of Israel*, o gabinete israelense aprovou, ontem, por unanimidade, uma declaração rejeitando "ditamentos internacionais" que visam a criação de um Estado palestino. "Israel rejeita totalmente os ditames internacionais relativos a um acordo permanente com os palestinos", afirmou a decisão. "Um acordo, se for alcançado, ocorrerá exclusivamente por negociações ditadas entre as partes, sem condições prévias." O ministro Gideon Sa'ar, membro do gabinete de emergência, comparou

essa proposta ao apaziguamento dos nazistas em 1938.

"Tal reconhecimento na sequência do massacre de 7 de outubro seria uma recompensa enorme e sem precedentes ao terrorismo e frustraria qualquer futuro acordo de paz", reiterou Sa'ar. Em resposta à decisão, um porta-voz do Departamento de Estado dos Estados Unidos, afirmou ao *The Times of Israel* que a melhor maneira de alcançar um fim duradouro para a crise em Gaza que proporcione paz e segurança duradouras, tanto para israelitas como para palestinos, "é o nosso forte compromisso com a criação de um Estado Palestino." "Como tal, os Estados Unidos continuam a apoiar a solução de dois Estados e a opor-se a políticas que ponham em perigo a sua viabilidade ou contradigam os nossos interesses e valores mútuos."

» Relembra

Em 7 de outubro de 2023, o grupo Hamas, que controla a Faixa de Gaza, promoveu um ataque surpresa contra Israel, matando 1.160 pessoas, a maioria civis, segundo um balanço da AFP com base em dados oficiais israelenses. Sequestraram também 250 pessoas, 130 permanecem em Gaza, incluindo os corpos de 30 que teriam morrido, segundo o governo israelense. Em resposta, Israel lançou uma ofensiva que avança para o 5º mês. Os ataques deixaram 28.985 mortos, a maioria mulheres e menores de idade, segundo o Ministério da Saúde do Hamas. Dos 36 hospitais da região, apenas 11 estão funcionando.

ARGENTINA

Milei acusa políticos pela pobreza

Em mais uma polêmica, o presidente da Argentina, Javier Milei, acusou a "casta" política de ser responsável pelo fato de que a pobreza atinge 57% da população do país, segundo dados do Observatório da Dívida Social da Universidade Católica Argentina (UCA). "A verdadeira herança do modelo da casta: 6 em cada 10 argentinos são pobres. A destruição dos últimos cem anos não tem paralelo na história do Ocidente", afirmou ele, na rede social X.

Empossado em dezembro, Milei acumula polêmicas em torno de decisões e declarações. Apenas com o "decreto", lançado por ele, conseguiu reunir mais de cinco divergências envolvendo propostas de mudanças, que motivaram protestos e

dispararam a inflação e o aumento dos preços dos aluguéis. Também recomendou o fechamento do Banco Central, entre outras controvérsias.

Ao mencionar o estudo, publicado no jornal *Ámbito Financiero*, o presidente argentino criticou a avaliação de que 57,4% dos argentinos vivem abaixo da linha de pobreza, mais de 26 milhões de pessoas.

Ao jornal *La Nación*, o diretor do observatório, Agustín Salvia, esclareceu, no entanto, que se trata de "uma simulação estatística" a partir de dados "do terceiro trimestre" de 2023. "Mas não acredito que estejamos muito longe do que está acontecendo", acrescentou.

Em janeiro, a miséria, segundo o estudo, teria atingido 15%

da população, quase 7 milhões de pessoas, de acordo com declarações do especialista citadas pelo *Ámbito Financiero*. Os dados representam um salto durante o primeiro mês completo do governo de Milei, se comparados com os 49% de pobreza e 14% de miséria da medição da UCA no último mês do ano, em meio a um forte ajuste fiscal empreendido pelo Executivo.

"Se a inflação cair, haverá um alívio rápido. Caso contrário, estaremos diante de uma catástrofe social", alertou Salvia ao *La Nación*. Após uma desvalorização de 50% do peso, a liberalização dos preços e fortes aumentos nas tarifas, a inflação na Argentina foi de 20,6% em janeiro e de 254,2% no acumulado dos últimos 12 meses.

Filippo Monteforte/ AFP



O presidente argentino reza ao lado da irmã Karina Elizabeth durante visita ao Vaticano no dia 11